

**Mitos**  
**e**  
**Verdades**  
**sobre**

**Autores**  
**de Violência**  
**Sexual**

**Karen Michel Esber**

**KAREN MICHEL ESBER**

**MITOS E VERDADES SOBRE AUTORES  
DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

**Goiânia – GO**

**2022**

### **Ficha catalográfica**

Karen Michel Esber. Mítos e Verdades sobre Autores de Violência Sexual. [recurso eletrônico] – 2. Ed. / Goiânia, 2022.

XXX, 30 p. - (Série Autores de Violência Sexual, 1)

Inclui referências

ISBN: 978-65-00-49118-0

1. Autores de violência sexual 2. Pedofilia I. Título. II Esber, Karen Michel. III. Série

CDU 159.9:343.541

## SUMÁRIO

<b>Mito 1 – Todos os autores de violência sexual (AVS) são pedófilos.....</b>	<b>6</b>
Caso 1 – Henrique.....	7
<b>Mito 2 – AVS são sempre homens.....</b>	<b>8</b>
Caso 2 – Pedro .....	9
<b>Mito 3 – AVS sofreram essas mesmas violências em suas infâncias.....</b>	<b>10</b>
Caso 3 – João .....	11
<b>Mito 4 – Os AVS não têm nenhum tipo de sentimento sobre as violências cometidas ou sobre as vítimas.....</b>	<b>12</b>
Caso 4 – Paulo .....	13
<b>Mito 5 – Os AVS são desconhecidos da vítima e o perigo está fora de casa .....</b>	<b>14</b>
Caso 5 – Renato .....	15
<b>Mito 6 – O AVS é um monstro .....</b>	<b>16</b>
Caso 6 – Pedro .....	17
<b>Mito 7 – AVS são pobres, analfabetos e desempregados .....</b>	<b>18</b>
Caso 7 – João de Deus .....	19
<b>Mito 8 – Existe apenas um perfil psicológico de AVS.....</b>	<b>20</b>
Caso 8 – Cristiano.....	21
<b>Mito 9 – Adolescentes não praticam violência sexual .....</b>	<b>22</b>
Caso 9 – Daniel .....	23
<b>Mito 10 – Somente a prisão resolve a violência sexual em nossa sociedade.....</b>	<b>24</b>
Casos 10 – Henrique e João .....	25
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>26</b>
<b>Referências.....</b>	<b>27</b>

## APRESENTAÇÃO

A série *Autores de Violência Sexual (AVS)* é composta por livros digitais que têm o objetivo de levar o leitor a adentrar em um mundo quase que desconhecido pela população e pela ciência, proporcionando acesso a histórias verídicas que retratam esses sujeitos de carne e osso, a partir de suas próprias vozes e perspectivas sobre as violências sexuais que praticaram, sobre suas vítimas e sobre seus sentimentos e pensamentos.

Os volumes questionam e desconstróem tabus e paradigmas, pois suas narrativas são analisadas à luz do conhecimento científico atualizado sobre esses personagens submersos em conceitos cristalizados, fato que potencializa a vulnerabilidade das vítimas e de potenciais vítimas.

Toma-se como base a abordagem da Psicologia Sócio-histórica, que se recusa a compreender o fenômeno a partir de uma perspectiva estritamente individual e patologizante, mas que entende o homem em relação dialética com a sociedade, como produto e produtor de sua realidade.

Alguns livros são inéditos, outros são publicações de trabalhos acadêmicos meus e dois são as segundas edições das versões impressas que já estão esgotadas. Em todos, optei por manter, na íntegra, a fala dos pesquisados, revisando, porém, a argumentação teórica para atualizar a análise de acordo com parâmetros científicos recentes.

Embarque comigo nesta jornada do conhecimento sobre um tema tão carente de referências nacionais. Modéstia à parte, esta série está fantástica. Desejo uma excelente leitura.

**Todos os autores de violência sexual (AVS) são pedófilos**

Pedofilia não é sinônimo de violência sexual contra crianças. Nem todos os AVS são pedófilos e nem todos os pedófilos são AVS, fato esse mostrado claramente pela literatura especializada (ESBER; DINIZ; SOARES, 2020; FINKELHOR, 1979; HUSS, 2011; ITZIN, 2001; MARSHALL, W.; MARSHALL, L., 2000; OLIVEIRA, 2015; RODRIGUES, 2014; WEST, 2000). Essa verdade, também, foi constatada quando coordenei, entre 2004 e 2011, o *Programa Repondo: atendimento a autores de violência sexual*, da PUC Goiás. Acompanhei três pessoas que sentiam desejo sexual por crianças, mas que nunca chegaram a praticar violência. Inversamente, atendi, no presídio, homens condenados por crimes sexuais contra crianças, mas que não se enquadravam na definição psiquiátrica da pedofilia. Esta é uma condição clínica descrita na quinta edição do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (APA, 2014) e pressupõe três componentes envolvendo crianças, que podem acontecer juntos ou separados, por um período de no mínimo seis meses: fantasias, impulsos e comportamentos sexuais. Mesmo que a pedofilia seja considerada um transtorno mental, o pedófilo é psicológica e juridicamente responsável por seus atos, pois não perde a consciência crítica sobre o que é certo e o que é errado e conhece a interdição social e a ilegalidade da violência sexual contra crianças.

## Henrique<sup>1</sup>

Trinta e um anos, preso, quando tinha vinte e um anos, por ter cometido violência sexual contra três meninos com idade entre onze e treze anos e sequestro de um deles. Decidiu violentar sexualmente crianças da mesma forma como aconteceu em sua infância, a fim de aliviar sua raiva, sendo sua única motivação a vingança.

**Henrique:** Eu tinha vontade de fazer alguma coisa assim com criança, você entendeu? Mas não sabia o que especificamente, o que eu ia fazer, não de matar, pegar e matar. Não, matar não. Isso não passou pela minha cabeça não, de pegar e fazer qualquer coisa e matar na sequência, você entendeu? Mas eu tinha uma curiosidade de fazer alguma coisa nesse sentido, você entendeu? [...] fazer a pessoa ficar oprimida, você entendeu? E... me sentir assim o dono da situação. Ver a pessoa pedir: “Pelo amor de Deus!” e tal, e oprimir alguém assim que tivesse mais ou menos aquela idade que eu tinha, você entendeu? Um tempo atrás. E pra poder... fazer a pessoa se sentir assim bem humilhada, humilhar bastante mesmo (ESBER, 2009, p. 115)

---

<sup>1</sup> Os nomes de todos os AVS desse livro são fictícios, com exceção dos casos noticiados na mídia, cujas informações são de domínio público

**AVS são sempre homens**

Estatísticas do *Anuário brasileiro de segurança pública*, de 2022, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostram que 95,4% das violências sexuais são praticadas por homens e 4,6%, por mulheres (FÓRUM..., 2022). É possível que a proporção de mulheres seja maior, pois essas violências são invisibilizadas, não denunciadas, não identificadas ou minimizadas em seus efeitos negativos e potencial nocivo. Raramente elas são acusadas por meninos devido ao medo que eles têm de serem incompreendidos e ridicularizados por não terem aproveitado a “experiência sexual” (WEST, 2000) e, também, são dificilmente denunciadas pelas meninas. Contudo, além de praticar violência sexual, mulheres são capazes de machucar, torturar e até mesmo matar crianças e adolescentes (NATHAN; WARD, 2001; SARREL; MASTERS, 1982). Podem atuar sozinhas ou em coautoria com homens, como nos famosos casos de Myra Hindley e Karla Leanne Homolka.

## Pedro

Trinta e três anos, praticou violência sexual contra, aproximadamente, cem adolescentes e se considera o “verdadeiro pedófilo”. Relata ter sofrido violências sexuais por parte da tia e da cunhada, quando tinha 8 e 11 anos, mas minimiza seus efeitos negativos pelo fato de serem mulheres. Apesar disso, foi logo depois dessa vitimização que, ainda na adolescência, começou a praticar violências sexuais contra outros garotos.

**Pedro:** Eu fui abusado também na minha adolescência, *apesar* de ter sido abusado pela minha cunhada, né, mulher, mas eu fui abusado. // Ela me colocou de joelho, [...] aí punha água, assim, no tambor, abria o chuveiro e caía água né? [...] Eu fiquei bastante tempo fazendo sexo oral nela, fazia careta, queria sair. Mas eu gosto dela. (ESBER, 2009, p. 131).

**AVS sofreram essas mesmas violências em suas infâncias**

Apesar da relação causa e efeito ser incorreta, as pesquisas mostram que suas histórias de vida são repletas de violência, inclusive, a sexual. Craissati e Beech (2004) constataram que 51% dos AVS sofreram violência sexual na infância e que apenas 8% não sofreram nenhum tipo de violência. Romano e De Luca (1996) observaram que AVS apresentam duas vezes mais violência sexual na infância do que homens autores de crimes não sexuais e três vezes mais do que aqueles que não cometeram nenhum tipo de crime. Em minhas pesquisas (ESBER, 2005, 2007, 2009, 2016), foram raríssimos os casos de AVS que disseram ter tido uma infância feliz e livre de violência. Infâncias difíceis não justificam nada do ponto de vista moral e ético, mas explicam muita coisa sob a ótica da história pessoal, o que pode sugerir que eles não conseguiram elaborar os traumas vividos e tendem a repetir as agressões que sofreram.

## João

Trinta e um anos de idade, estudou até a sexta série do ensino fundamental e tem profissão de auxiliar de serviços gerais. Cumpre pena privativa de liberdade há sete anos, pois foi condenado por ter estuprado e matado uma criança de um ano e dez meses de idade. Confessa tê-la assassinado, mas nega a violência sexual. Na infância, conviveu com o alcoolismo do pai e da mãe, sendo que o primeiro praticou espancamentos, queimaduras e ameaças de morte contra todos os membros da família, inclusive, contra sua esposa, a mãe de João. A gravidade de seus atos era tamanha que os vizinhos acionaram o Conselho Tutelar e a justiça determinou a perda do poder familiar.

**Karen:** Seu pai batia na sua mãe?

**João:** Batia, deu várias vezes. Ele ficava irreconhecível. Pegava faca, aquilo ia fazendo a gente desgostar dele. Ele não deixou coisa boa. As coisas melhores que ele tava fazendo era ficar bebendo com os amigos e minha mãe assistindo. Aniversário mesmo, ele nunca fez nada para gente. Para nós, não tem lembrança boa, só ruim. Tinha várias vezes que meu irmão mais velho brigou com ele para defender a minha mãe. // Fico muito magoado com o jeito que ele tratava a gente, porque ele teve condições de dar tudo para a gente, mas não deu nada. Não deu porque não quis. Meus tios, tudo, ajudava ele, mas ele vendeu tudo para beber pinga. // Ele aprontou uma baderna. Tinha dia que ele chegava quatro horas da manhã e acordava a gente para bater na minha mãe. // Medo. Quando começava a brigar, eu corria para o vizinho. Medo. Ele era cheio dos espíritos. Pegou uma vez o “Exu”, deixou a gente tudo no chão e mandou nós tudo deitar. Ele disse que ia sacrificar nós tudo. Ele falava, minha mãe entendia e falava para gente o que ele falava. Minha mãe era a porta-voz dele. // Ela tinha saído. Aí, minha mãe tava lá, oprimida por ele, faca, aquilo tudo. Aí, minha irmã bateu na porta e ficou chorando e gritando: “Meu pai quer matar os meus irmãos.” Aí, os vizinhos veio.

**Karen:** Você acha que se sua irmã não tivesse gritado, ele teria realmente matado vocês?

**João:** Ah, ele chegava com faca quente para queimar, os meus irmãos são todos queimados. Olha o tanto de marca que eu tenho (Mostra os braços) (Pausa) Então, eu acho que ele não deixou momentos bons.

**Karen:** Você não tem nenhuma lembrança boa dele?

**João:** Não. Nenhuma. (Pausa) Nenhuma (ESBER, 2005, p. 56).

**MITO 4**

**Os AVS não têm nenhum tipo de sentimento sobre as violências cometidas ou sobre as vítimas**

**VERDADE 4**

Em minhas pesquisas (ESBER, 2005, 2007, 2009, 2016; ESBER; DINIZ; SOARES, 2020; SANTOS, B.; ESBER; SANTOS, I., 2009), arrependimento, vergonha, culpa, dó, medo, vingança, tristeza, autoimagem de monstrosidade, perplexidade e nojo de si próprios foram verbalizados por AVS. Alguns homens não manifestaram qualquer tipo de sentimento em relação às vítimas ou às violências praticadas, mas eles foram a minoria dos casos.

## Paulo

Vinte e seis anos, primeira fase do ensino fundamental, solteiro, nenhum filho, ambulante e tem diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia. Quando criança, após o falecimento do pai, foi criado pela madrasta, mas sempre fugia de casa para passar uns dias com a mãe. Narra abuso de drogas desde os 12 anos de idade. Praticou violência sexual contra um menino desconhecido de cinco anos em um espaço público e o queimou com pontas de cigarro. Está preso, há um ano. No trecho, abaixo, expressa seus sentimentos sobre o ocorrido:

**Paulo:** Uma pessoa que faz um trem desse [violência sexual], no meu modo de pensar, não é um ser humano. É um bicho, é um monstro, não merece assim o respeito da sociedade. // A partir do momento que a criança é abusada, entendeu? Por um covarde, vou falar logo assim, eu fico nervoso. Tem hora também dessa situação, de ter caído nisso. Nossa! Fico grilado com esse trem. Tem dia que eu fico lá na minha cela, grilado e com nojo de mim. Nossa Senhora! Dá um trem ruim em mim. É uma situação complicada, doutora. Então assim, a pessoa que é usada, tanto um homem como uma mulher, uma criança, tô supondo tudo. Ela ... assim, é um nojo que não tem fim. // (choro) Eu choro assim de ódio de mim mesmo. Eu tenho ódio de mim mesmo, de saber que eu fiz essa cagada, essa bobeira. Trem que o povo fala mesmo que foi eu. Então, eu não queria que isso tivesse passando comigo, sabe assim? No dia que eu vim preso, eu cheguei a falar para os policiais: “Me mata moço, me mata pelo amor de Deus” (ESBER, 2016, p. 148).

**MITO 5**

**Os AVS são desconhecidos da vítima e o perigo está fora de casa**

**VERDADE 5**

Dados do *Anuário brasileiro de segurança pública*, de 2022, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostram que 82,5% das pessoas, que praticaram estupro contra vítimas abaixo de 13 anos, eram suas conhecidas (FÓRUM..., 2022). É preciso romper os estigmas que sustentam esse mito, pois ele dificulta o reconhecimento da verdade que a violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre dentro das casas das vítimas e que os principais autores são pais, padrastos, irmãos, primos e avós.

## Renato

Quarenta e quatro anos, cometeu violência sexual contra suas duas filhas por um período de, aproximadamente, nove anos, tendo as crianças as idades de seis e nove quando tudo se iniciou. O trecho, a seguir, reflete sobre como tudo acontecia dentro de casa, na presença da esposa e mãe das vítimas:

**Renato:** Até eu ficava admirado como é que acontecia e ela [esposa] não percebia, né? Eu pensava...tinha vez na minha mente que ela estava sabendo, porque tinha coisa que acontecia assim que até cego via, né? [...] Aí acontecia as coisas [...] com ela lá na sala... aí outras vezes estava sentado lá assistindo televisão, talvez até deitado no colo dela, aí eu também deitava no colo da Maria com os pés no colo dela né? Aí a Mariana ia lá pro quarto, quando é fé ela me chamava, aí eu ia, né? [...] (ESBER, 2009, p. 177).

**O AVS é um monstro**

O AVS é considerado o “novo monstro contemporâneo” (LOWENKRON, 2012, p. 2), pois a ele reagimos com sentimentos de intensa repulsa, nojo e raiva. Eles mesmos se consideram como monstros pela violência sexual que cometeram (ESBER, 2005, 2016). Ao invés de ter efeito positivo em suas vidas e para a sociedade, tal autoconceito os mantém, psicologicamente, vulneráveis e mais propensos a repetir a própria violência sexual, em uma espécie de profecia que se auto cumpre. Além disso, rotulá-los dessa maneira tira os perigos do mundo real e os coloca na fantasia, o que dificulta a prevenção das violências e a proteção das potenciais vítimas. Monstros não existem, pessoas sim. Dos primeiros, não sabemos nos defender, mas das segundas, sim.

## Pedro

Sua história de vida já foi apresentada no caso 2. No trecho, abaixo, Pedro mostra como se utiliza da gentileza, uma característica de civilidade humana, para praticar crimes sexuais:

**Pedro:** [O pedófilo] é gentil, é simpático, quer dizer, faz amizade com o pai, com a mãe, com a família, não deixa nenhuma família observar. [...] Eu sou assim: eu convenço a mãe, o pai, pra poder confiar e deixar o adolescente sair comigo [...]. Não são estupradores, eles são pedófilos mesmo, eles têm um amor pelo menino, tem uma paixãozinha por aquele garoto (ESBER, 2009, p. 142).

**AVS são pobres, analfabetos e desempregados**

A verdade é que existem AVS em todas as classes socioeconômicas, *status* educacionais e profissões, mas os pobres são mais propensos à prisão, de acordo com estatísticas do Departamento Penitenciário Nacional (Infopen) (BRASIL, 2019). A pesquisa de Pincolini e Hutz (2014) retrata essa verdade. Os autores avaliaram processos judiciais de 229 AVS, no Sul do Brasil, e evidenciaram que 37,8% dos acusados adultos possuíam escolaridade entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental, enquanto menos de 2% havia ingressado em um curso superior. As ocupações mais frequentes foram nas áreas de construção civil (10,8%), agricultura (10,8%) e transportes (6,5%). Do total de estudados, 20,5% estavam desempregados ou atuavam na informalidade à época do crime. Esses dados devem ser relacionados ao fato de que “(...) a suspeita exercida pelas instituições de controle social atinge seletivamente as camadas mais pobres da população” (PORTO, 2010, p. 243). Há uma equivocada construção social que associa a pobreza à criminalidade, fenômeno nomeado pelo sociólogo norte-americano Wacquant (2003) de “criminalização dos pobres”, também, existente no Brasil. Superar esse mito é ter clareza de que ricos, estudados e empregados, também, praticam violência sexual, como, por exemplo, os famosos casos do médico Roger Abdelmassih, do médium João de Deus e do anestesista Giovani Quintella Bezerra.

## João de Deus

Homem de grande influência religiosa, moral e financeira em âmbito regional, nacional e internacional, praticou crimes de estupro e estupro de vulnerável contra várias mulheres e adolescentes durante atendimentos espirituais na Casa Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia (GO). Quando as primeiras vítimas começaram a denunciá-lo e o caso foi exposto na mídia televisiva, outras mulheres, também, procuraram as autoridades. Muitos desses crimes já haviam prescrito, o que indica que João de Deus já os praticava há décadas. A defesa do médium alegou que a intenção das vítimas era conseguir benefícios financeiros. Documentários sobre o caso relatam que vários populares, incluindo políticos, tinham conhecimento do que acontecia dentro do Centro Espírita, mas que não o denunciaram em razão de sua influência comercial e financeira na cidade.

**Existe apenas um perfil psicológico de AVS**

Existem vários perfis, dependendo de fatores, tais como, entre outros: motivações, sentimentos, pensamentos, personalidades, histórias de vida, vivências nas famílias de origem, violências sofridas na infância e possíveis conexões com as violências praticadas, relações, aproximações e abordagens que estabelecem com suas vítimas, autoimagens, características socioeconômicas e criminais, abuso de drogas. O mito de que existe um perfil único e facilmente identificável está ligado ao estereótipo do AVS como um doente mental e é um obstáculo para a proteção das potenciais vítimas.

## Cristiano

Trinta e dois anos, está preso há quatorze, estudou até a primeira fase do ensino fundamental, era ajudante de pedreiro, solteiro e tem um filho. Relata uma infância ruim, na qual nunca chegou a conhecer seu pai biológico, pois sua mãe era profissional do sexo e teve com ele um relacionamento rápido. Até os oito anos, viveu com seu avô e tia paternos, fugiu de casa várias vezes, morou na rua onde praticou diversos furtos e abusou de drogas ilícitas, como roupinol, loló, cola e maconha. No dia dos crimes, estava fazendo uso de bebida alcoólica e *crack*, juntamente com dois conhecidos e, ao perceberem que o dinheiro para a droga havia acabado, entraram em uma residência para cometer um assalto. Lá morava uma adolescente de treze anos, que foi estuprada, primeiramente, por um dos seus colegas e, depois, por ele.

**Cristiano:** Não estava nem pensando nisso não, entendeu? Aí, um molequinho lá foi e deu a ideia [de estuprar]. E nossa! Eu me arrependo até hoje desse trem, isso não podia ter acontecido não. Nunca também pensei que ela tinha treze anos, entendeu? Ela é uma mulher já grande (ESBER, 2016, p. 116).

Questionado se sua motivação para o crime teria sido o desejo sexual pela vítima, assim se manifestou:

**Cristiano:** Não, não. Sangue de Jesus tem poder! Não, eu nunca tinha pensado nisso. Foi tudo muito de repente. Nunca mais (ESBER, 2016, p. 189).

**Adolescentes não praticam violência sexual**

Pesquisadores brasileiros consideram que este é um tema desconhecido (DOMINGUES; COSTA, 2016), que as estatísticas são parciais, pois não há uma sistematização rigorosa das informações (PENSO *et al.*, 2012) e que existe subnotificação dos episódios ofensivos (COSTA, 2012), motivada pela vergonha que impede as famílias de buscarem ajuda (COSTA, 2011). Pincolini e Hutz (2014) indicaram que em 25% dos processos judiciais de 229 AVS havia um ou mais adolescentes como acusados. Para esses casos, há predomínio do abuso sexual extrafamiliar (70,2%) contra vítimas do sexo masculino, especialmente vizinhos. Estatísticas dos Estados Unidos revelam que entre 20 e 33% das violências sexuais são cometidas por adolescentes, sendo que cerca de 25% dos adultos começaram nesse período e continuaram depois de atingirem a maioridade (MESSERSCHMIDT, 2000; SANDERSON, 2005). A literatura refere, ainda, que somente uma parcela de adolescentes, que cometeram ofensas sexuais, manterá este padrão de comportamento ao longo da vida (OLIVER, 2007; RYAN, 2012; VANDIVER, 2006).

## Daniel

Quatorze anos, quinta série, cometeu violência sexual extrafamiliar contra um amigo de dez anos pelo período de um ano. Cumpre medida socioeducativa de liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade. Não relata história prévia de violência sexual, mas narra violências físicas e psicológicas, ausência paterna, baixa autoestima, baixa escolaridade e dificuldade de aprendizagem escolar.

**Pesquisadora:** O que você sente quando se lembra disso?

**Daniel:** Nada. Eu só sinto que eu quero esquecer. Vou esperar esse caso acabar para mim esquecer de tudo de uma vez, nem lembrar que isso aconteceu.

**Pesquisadora:** Esquecer por quê? O que você sente quando se lembra?

**Daniel:** Porque eu sinto que foi um erro que não vou mais cometer.

**Pesquisadora:** O que você sente quando fala disso?

**Daniel:** Só sinto angústia.

**Pesquisadora:** Como é essa angústia dentro de você?

**Daniel:** Uma dor no peito.

**Pesquisadora:** O que você tem vontade de fazer com essa angústia?

**Daniel:** Vontade de arrancar e jogar fora. Jogar fora e viver em paz, terminar esse caso, pedir perdão a Deus e continuar a vida (COSTA, 2020, p. 115).

**Somente a prisão resolve a violência sexual em nossa sociedade**

De acordo com Furniss (1993), existem dois componentes da violência sexual: o jurídico e o psicológico. Entendendo isso, diversos países do mundo têm adotado a combinação entre prisão e programas de atendimento psicológico para a redução de reincidências (BROWN, 2005). Pesquisadores e associações internacionais, como a *International Association for the Treatment of Sexual Offenders* (Iatso), a *National Organisation for the Treatment of Abusers* (Nota) e a *Association for the Treatment of Sexual Abusers* (Atsa), têm constatado a eficácia desse tipo de proposta. No Brasil, entre 2004 e 2011, coordenei um programa pioneiro chamado *Repropondo: atendimento psicoterapêutico a autores de violência sexual*, que está descrito no livro *Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: responsabilização e atendimento psicoterapêutico* (SANTOS *et al.*, 2009). À época, oferecemos atendimento nas prisões, nos centros de internação de adolescentes e na comunidade. Ainda são poucos os programas brasileiros que fazem esse tipo de atendimento, mas posso citar o Centro de Especialidades para Atenção às Pessoas em Situação de Violência Sexual, Familiar e Doméstica (Cepav) Alecrim, em Brasília, vinculado à Secretaria de Saúde do Governo do Distrito Federal.

## Henrique e João

A história de vida de Henrique já foi apresentada no caso 1. Mostro, abaixo, sua visão sobre a importância da prisão para a contenção das violências que estava praticando.

**Henrique:** A minha sorte é que eu fui preso, fui interrompido antes de fazer mais um monte de palhaçada, você entendeu? Porque eu poderia ter feito mais um monte de outras coisas parecidas ou muito pior, né? Já pensou se eu pego esses meninos e mato eles? (ESBER, 2009, p. 119).

A seguir, descrevo a avaliação que João faz sobre o atendimento psicológico realizado no presídio. Sua história de vida já foi apresentada no caso 3.

**João:** É igual ao que eu falo, não tenho como conversar isso com ninguém, só com você. (SANTOS *et al.*, 2009, p. 135) //

**Karen:** Qual é o motivo do choro?

**João:** Sei lá, quando a gente conversa assim, quando a gente está sentindo... vê aquela coisa distante da gente. Isso eu não converso com ninguém, nem com a namorada, porque eu tenho medo da reação dela, porque uma vez ela tentou me ajudar e não consegui. Uma vez eu tentei fazer planos, mas para quê?

**Karen:** Como é que eu posso te ajudar?

**João:** Nossa, só de desabafar, de confiar em alguém. Aqui todo mundo sabe que eu gosto de conversar com você, todo mundo quer vir fazer atendimento com você. Eu falo bem de você. Gosto muito de você, porque você acredita em mim. Todo mundo pergunta: "Você vai na psicóloga?" (SANTOS *et al.*, 2009, p. 138).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dez mitos apresentados neste livro são apenas alguns escolhidos entre muitos outros. Os AVS são personagens desconhecidos, temidos e repudiados, mas, ao mesmo tempo, próximos, familiares e presentes no cotidiano de nossas vidas e casas. Finalizo esse livro digital refletindo que desmitificar é prevenir a violência sexual a partir de bases concretas das verdades científicas dos fatos, descortinando essa tragédia que provoca tanto sofrimento e que ficou tanto tempo encoberta do lado de dentro dos muros das casas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Ministério de Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. *Levantamento nacional de informações penitenciárias*. Org.: Marcos Vinícius Moura. Brasília, 2019.

BROWN, Sarah J. *Treating sex offenders: an introduction to sex offender treatment programmes*. Devon, UK: Willan Publishing, 2005.

COSTA, Bruno Nogueira da Silva. *Sexualidade e violência em famílias de adolescentes que cometeram ofensa sexual*. 2012. 168f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COSTA, Florença Ávila de Oliveira. *O adolescente que cometeu abuso sexual: reflexões sobre a subjetividade*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

COSTA, Liana Fortunato. Participação de famílias no Grupo Multifamiliar de adolescentes ofensores sexuais: vergonha e confiança. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 185-201, 2011.

CRAISSATI, Jackie. BEECH, Anthony. The characteristics of a geographical sample of convicted rapists: sexual victimization and compliance in comparison to child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 19, n. 4, p. 371-388, 2004.

DOMINGUES, Daniela Fontoura; COSTA, Liana Fortunato. O adolescente em situação de ofensa sexual: proteção e responsabilização para evitar a reincidência. *Psicologia Política*, v. 16, n 36, p. 139-151, 2016.

ESBER, Karen Michel. Pessoas que cometeram violência sexual: patologia individual ou questão familiar? 2005. 52f. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

ESBER, Karen Michel. *Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

ESBER, Karen Michel. Tinha pavor em pensar que alguém pudesse descobrir: o sentido de infância e adolescência para autores de violência sexual. In: OLIVEIRA, Maria Luiza Moura; SOUSA, Sônia Margarida Gomes de (org.). *(Re)Descobrendo as faces da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

ESBER, Karen Michel. *As representações sociais sobre as vítimas para os autores de violência sexual contra crianças e adolescentes*. 2016. 237f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ESBER, Karen Michel; DINIZ, Maria Aparecida; SOARES, Carlene Borges. Perfil psicossocial dos usuários do Programa de Atenção Integral ao Louco Infrator (Paili). In: REIS, Daniela Castro dos; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves; OLIVEIRA, Assis da Costa. *Autores de agressão: subsídios para uma abordagem interdisciplinar*. Curitiba: Appris, 2020.

FINKELHOR, David. *Sexually victimized children*. New York: Free Press, 1979.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022. *Violência sexual infantil, os dados estão aqui, para quem quiser ver*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>. Acesso em: 12 jul 2022.

FURNISS, Tilman. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HUSS, Matthew T. *Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ITZIN, Catherine. Incest, paedophilia, pornography and prostitution: making familial males more visible as the abusers. *Child Abuse Review*, v. 10, n. 1, p. 35-48, 2001.

LOWENKRON, Laura. *O monstro contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos*. 2012. 382f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MARSHALL, William L.; MARSHALL, Liam E. The origins of sexual offending. *Trauma Violence & Abuse*, v. 1, n. 3, p. 250-263, 2000.

MESSERSCHMIDT, James. W. Becoming "Real Men": adolescent masculinity challenges and sexual violence. *Men and Masculinities*, v. 2, p. 286-307, 2000.

NATHAN, Pamela; WARD, Tony. Females who sexually abuse children: assessment and treatment issues. *Psychiatry, Psychology and Law*. v. 8, p. 44-45, 2001.

OLIVEIRA, Alessandro José de. *Pedofílias: doenças e delitos*. 2015. 225f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

OLIVER, B. E. Three steps to reducing child molestation by adolescents. *Child Abuse & Neglect*, v. 31, p. 683-689, 2007.

PENSO, Maria Aparecida *et al.* *Jovens pedem socorro: o adolescente que praticou ato infracional e o adolescente que cometeu ofensa sexual*. Liber Livro, Brasília, 2012.

PINCOLINI, Ana Maria Franchi; HUTZ, Cláudio Simon. Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 301-311, 2014.

PORTO, Maria Stela Grossi. *Sociologia da violência: do conceito às representações sociais*. São Paulo: Ed. Francis, 2010.

RODRIGUES, Herbert. *A pedofilia e suas narrativas: uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil*. 2014. 322f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RYAN, E. P. Changing perceptions of juvenile sexual offending in society and legal system. In: RYAN, E. P.; HUNTER, J. A.; MURRIE, D. C. *Juvenile sex offenders: a guide to evaluation and treatment for mental health professionals*. New York: Oxford University Press, 2012.

ROMANO, Elisa; DE LUCA, Rayleen V. Characteristics of perpetrators with histories of sexual abuse. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 40, n. 2, p. 147-156, 1996.

SANDERSON, Cristiane. *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; ESBER, Karen Michel; SANTOS, Izabela Barbosa C. Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: responsabilização e atendimento psicoterapêutico. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SARREL, Philip M.; MASTERS, William H. Sexual molestation of men by women. *Archives of Sexual Behavior*, v. 11, p. 117-131, 1982.

VANDIVER, D. M. A prospective analysis of juvenile male sex offenders: characteristics and recidivism rates as adults. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 21, n. 5, p. 673-688, 2006.

WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WEST, D. J. The sex crime situation: deterioration more aparent than real? *European Journal on Criminal Policy and Research*, v. 8, n. 4, p. 399-422, 2000.

## Sobre a autora



Sou a **Dra. Karen Michel Esber**, psicóloga clínica e jurídica, supervisora, palestrante, professora em cursos de pós-graduação, pesquisadora, escritora e doutora.

Há vinte e dois anos, tenho desenvolvido vasta atuação profissional e pesquisa científica com os autores de violência sexual, tendo-a iniciado com o meu trabalho de conclusão de curso em Psicologia, no ano de 2000.

Depois disso, fui convidada pela PUC Goiás, entre 2004 e 2011, a atuar como psicóloga, supervisora e coordenadora do *Programa Repondo: atendimento psicossocial a autores de violência sexual*, um programa pioneiro no Brasil, cuja experiência registramos no livro

*Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: responsabilização e atendimento psicoterapêutico* (SANTOS, B.; ESBER; SANTOS, I., 2009).

Essa experiência de trabalho e a escassez de literatura nacional me estimularam a escrever cada vez mais. Produzi livros e artigos científicos sobre os autores de violência sexual, com base em suas vozes e perspectivas, objetivando desmitificar esse personagem tão desconhecido, mas ao mesmo tempo tão próximo e familiar.

Sobre a minha formação acadêmica, sou doutora em Sociologia, mestre em Psicologia Social, especialista em Psicologia Jurídica e especialista em Terapia de Famílias e Casais, com formação em Terapia Sexual.



[www.karenesber.com.br](http://www.karenesber.com.br)



[falecomadrakarenesber@gmail.com](mailto:falecomadrakarenesber@gmail.com)



@drakareneber

## Conheça a série Autores de Violência Sexual

